

O Livro de Daniel - Número Sessenta

A oração de Daniel e o segredo do oitavo reino: uma revelação dos últimos dias

Jeff Pippenger
2024-01-24

Nos capítulos dezessete e dezoito do Apocalipse, um anjo traz a João a visão do juízo do papado. No desdobramento de seu juízo final, os reinos da profecia bíblica são representados.

Eis aqui a mente que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada. E são também sete reis: cinco já caíram, um existe, e o outro ainda não veio; e, quando vier, deve permanecer por breve tempo. E a besta que era, e já não é, também ela é o oitavo rei, e procede dos sete, e vai à perdição. Apocalipse 17:9–11.

João havia sido espiritualmente transportado para 1798, onde ele é instruído de que as sete cabeças da besta que carregava a mulher papal eram sete reis. Um rei é um reino, e um reino também é uma cabeça na profecia bíblica. Em 1798, cinco reinos haviam caído e um então governava. Um sétimo reino ainda era futuro, e era representado por dez reis. Então João foi informado de que o oitavo reino era a besta papal, que era dos sete. O papado era o quinto reino e havia recebido uma ferida mortal, de modo que, quando sua ferida mortal for curada, então se torna a oitava cabeça que é dos sete.

No capítulo dois de Daniel, os quatro primeiros reinos são Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Esses quatro reinos literais também representam quatro reinos espirituais e, juntos, eles identificam os oito reis, ou cabeças, de Apocalipse dezessete, pois Jesus sempre ilustra o fim de algo com o começo de algo. O capítulo dois de Daniel é a primeira menção dos reinos na profecia bíblica, e Apocalipse dezessete é a última; portanto, eles devem concordar, pois Deus nunca muda.

O quinto reino, que havia caído em 1798, era a Babilônia espiritual, o papado. O sexto reino, que estava no poder em 1798, era o reino de dois chifres, que havia sido prefigurado pelo reino de dois chifres dos medos e persas. O sétimo reino, que se compõe de dez reis, que em 1798 ainda não haviam surgido, é o governo mundial, que havia sido prefigurado pela Grécia, o governo mundial de Alexandre, o Grande. A oitava cabeça, que era uma das sete, era o quinto reino que recebera uma ferida mortal, mas tornou a viver quando a ferida mortal foi curada.

O juízo da grande meretriz ocorre na "hora" da crise da lei dominical, que é um período de tempo que começa com a lei dominical nos Estados Unidos e continua ao longo da história até que o período probatório humano se encerre. Nessa "hora", que em Daniel é identificada como "os dias destes reis", Deus estabelecerá o Seu reino. Nessa "hora", a chuva serôdia está sendo derramada.

“A chuva serôdia virá sobre os que são puros — então todos a receberão como outrora.

Quando os quatro anjos soltarem, Cristo estabelecerá o Seu reino. Ninguém recebe a chuva serôdia senão aqueles que estão fazendo tudo o que podem. Spalding e Magan, 3.

O derramamento da chuva serôdia é progressivo, pois corresponde ao juízo, e o juízo é progressivo. Os mileritas entenderam que viviam aos pés da estátua do capítulo dois de Daniel. Eles acreditavam que Roma era o último reino terrestre, e estavam certos, mas tinham uma compreensão limitada.

Os "dias destes reis" ocorrem na história do reino de Roma, mas não é a história da Roma pagã ou papal; é a história da Roma moderna. Os mileritas trataram a Roma pagã e a papal como um único reino e, ao fazê-lo, usaram uma passagem do livro de Ezequiel referente ao último rei de Judá (Zedequias) para sustentar seu entendimento.

E tu, príncipe profano e ímpio de Israel, cujo dia chegou, quando a iniquidade terá um fim, assim diz o Senhor Deus: remove o diadema e tira a coroa; isto não será o mesmo; exalta o abatido e abate o exaltado. Eu o subverterei, subverterei, subverterei; e não será mais, até que venha aquele a quem pertence o direito; e eu lho darei. Ezequiel 21:25-27.

Desde Zedequias, haveria três reinos que seriam "derrubados", que conduziriam a Cristo, a quem "pertence o direito" de reinar. Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia seriam todos derrubados até chegar ao reino de Roma, e durante a história desse quarto reino, Cristo viria e estabeleceria um reino. Foi exatamente isso que Ele fez.

À frente daqueles que rapidamente conduziam a nação à ruína estava Zedequias, seu rei. Abandonando completamente os conselhos do Senhor dados por meio dos profetas, esquecendo a dívida de gratidão que tinha para com Nabucodonosor, violando seu solene juramento de fidelidade feito em nome do Senhor Deus de Israel, o rei de Judá rebelou-se contra os profetas, contra seu benfeitor e contra seu Deus. Na vaidade de sua própria sabedoria, buscou auxílio no antigo inimigo da prosperidade de Israel, "enviando seus embaixadores ao Egito, para que lhe dessem cavalos e muita gente".

"'Prosperará ele?' inquiriu o Senhor a respeito daquele que assim vilmente havia traído toda confiança sagrada; 'escapará o que faz tais coisas? ou quebrará a aliança e será livrado? Pela minha vida, diz o Senhor Deus, certamente no lugar onde habita o rei que o fez rei, cujo juramento ele desprezou e cuja aliança ele quebrou, com ele, no meio da Babilônia, morrerá. Nem Faraó, com seu poderoso exército e grande multidão, fará por ele na guerra: ... visto que desprezou o juramento, quebrando a aliança, quando, eis que, dera a sua mão, e tendo feito todas estas coisas, não escapará.' Ezequiel 17:15-18."

"Ao 'príncipe profano e ímpio' havia chegado o dia do acerto de contas final. 'Remove o diadema', decretou o Senhor, 'e remove a coroa.' Somente quando o próprio Cristo estabelecesse o Seu reino é que Judá voltaria a ter um rei. 'Eu a derrubarei, derrubarei, derrubarei', era o edito divino a respeito do trono da casa de Davi; 'e ela não será mais, até que venha Aquele a quem pertence o direito; e eu a darei a Ele.' Ezequiel 21:25-27." Profetas e Reis, 450, 451.

Miller estava correto, mas sua compreensão era limitada, pois o reino que Cristo estabeleceu quando andou entre os homens não era o reino terrestre final. Ainda haveria quatro reis depois do reino da Roma pagã. No entanto, Cristo de fato estabeleceu o reino da "graça" na cruz, mas esse

reino não foi instaurado nos dias dos dez reis de Apocalipse dezessete, nem foi estabelecido durante o tempo da chuva serôdia. O reino que Cristo estabelece nos últimos dias é o seu reino de "glória". A Irmã White fala diretamente de ambos os reinos.

Os Mileritas entenderam que Cristo estabeleceu um reino durante a história do quarto reino, e estavam corretos, mas sua compreensão era limitada. Na história do quarto reino, Cristo estabeleceu o reino da "graça", e, na história do oitavo reino, Ele estabeleceu Seu reino da "glória". Na história em que Ele estabeleceu o reino da "graça", o Espírito Santo foi derramado no Pentecostes. O Pentecostes tipifica o derramamento da chuva serôdia, na história em que Ele estabelece Seu reino da "glória".

A mensagem de Pentecostes foi a mensagem da ressurreição literal de Cristo. A mensagem da chuva serôdia, pelo menos parcialmente, é a mensagem da ressurreição simbólica representada pelo enigma profético de que o oitavo é dos sete, o que se cumpre na besta, e também pelos dois chifres da besta da terra. O quarto e o oitavo reinos são onde Cristo estabelece o Seu reino.

O anúncio que havia sido feito pelos discípulos em nome do Senhor estava correto em todos os seus aspectos, e os eventos aos quais ele apontava já então estavam ocorrendo. “O tempo está cumprido, o reino de Deus está próximo”, fora a sua mensagem. Ao término do “tempo” — as sessenta e nove semanas de Daniel 9, que se estenderiam até o Messias, “o Ungido” — Cristo havia recebido a unção do Espírito após Seu batismo por João no Jordão. E o “reino de Deus” que eles haviam declarado estar próximo foi estabelecido pela morte de Cristo. Esse reino não era, como haviam sido ensinados a crer, um império terreno. Tampouco era aquele futuro reino imortal que será instaurado quando “o reino e o domínio, e a grandeza do reino debaixo de todo o céu, forem dados ao povo dos santos do Altíssimo”; esse reino eterno, no qual “todos os domínios o servirão e lhe obedecerão.” Daniel 7:27. Na Bíblia, a expressão “reino de Deus” é empregada para designar tanto o reino da graça quanto o reino da glória. O reino da graça é apresentado por Paulo na Epístola aos Hebreus. Depois de apontar para Cristo, o compassivo intercessor que é “tocado pelo sentimento de nossas enfermidades”, o apóstolo diz: “Aproximemo-nos, portanto, com ousadia, do trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça.” Hebreus 4:15, 16. O trono da graça representa o reino da graça; pois a existência de um trono implica a existência de um reino. Em muitas de Suas parábolas, Cristo usa a expressão “o reino dos céus” para designar a obra da graça divina nos corações dos homens.

Assim, o trono de glória representa o reino de glória; e esse reino é mencionado nas palavras do Salvador: 'Quando o Filho do homem vier na Sua glória, e todos os santos anjos com Ele, então se assentará no trono da Sua glória; e diante dEle serão reunidas todas as nações.' Mateus 25:31, 32. Esse reino ainda está no futuro. Não será estabelecido até a segunda vinda de Cristo.

O reino da graça foi instituído imediatamente após a queda do homem, quando foi elaborado um plano para a redenção da raça culpada. Ele então existia no propósito e pela promessa de Deus; e, pela fé, os homens podiam tornar-se seus súditos. No entanto, só foi de fato estabelecido com a morte de Cristo. Mesmo depois de iniciar Sua missão terrena, o Salvador, cansado da teimosia e da ingratidão dos homens, poderia ter recuado do sacrifício do Calvário.

No Getsêmani, o cálice da aflição tremia em Sua mão. Ele poderia, mesmo então, ter enxugado o suor de sangue de Sua fronte e ter deixado a raça culpada perecer em sua iniquidade. Se tivesse feito isso, não haveria redenção para os homens caídos. Mas quando o Salvador entregou Sua vida e, com Seu último fôlego, clamou: "Está consumado", então o cumprimento do plano da redenção foi assegurado. A promessa de salvação feita ao casal pecador no Éden foi ratificada. O reino da graça, que antes existira pela promessa de Deus, foi então estabelecido.

Assim, a morte de Cristo — o próprio acontecimento que os discípulos tinham encarado como a destruição final de sua esperança — foi o que a tornou definitivamente certa. Embora lhes tivesse trazido uma cruel decepção, foi a prova culminante de que sua crença estava correta. O acontecimento que os encheu de luto e desespero foi o que abriu a porta da esperança a todo filho de Adão, e do qual dependiam a vida futura e a felicidade eterna de todos os fiéis de Deus em todas as eras.

"Propósitos de misericórdia infinita estavam chegando ao seu cumprimento, mesmo por meio da decepção dos discípulos. Embora seus corações tivessem sido conquistados pela graça divina e pelo poder de Seu ensino, daquele que 'falou como jamais algum homem falou', ainda assim, misturada ao ouro puro de seu amor por Jesus, havia a liga vil do orgulho mundano e das ambições egoístas. Mesmo no cenáculo da Páscoa, naquela hora solene em que Seu Mestre já adentrava a sombra do Getsêmani, houve 'uma contenda entre eles sobre qual deles seria considerado o maior.' Lucas 22:24. Sua visão estava tomada pelo trono, a coroa e a glória, enquanto justamente diante deles estavam a vergonha e a agonia do jardim, o tribunal, a cruz do Calvário. Foi o orgulho do coração, a sede de glória mundana, que os levou a apegar-se tão tenazmente ao falso ensino de seu tempo e a passar por alto as palavras do Salvador que mostravam a verdadeira natureza de Seu reino e apontavam para Sua agonia e morte. E esses erros resultaram na provação — dura, porém necessária — que foi permitida para sua correção. Embora os discípulos tivessem interpretado mal o sentido de sua mensagem e não tivessem visto realizar-se suas expectativas, ainda assim haviam pregado a advertência que Deus lhes dera, e o Senhor recompensaria sua fé e honraria sua obediência. A eles seria confiada a obra de proclamar a todas as nações o glorioso evangelho de Seu Senhor ressuscitado. E foi para prepará-los para essa obra que a experiência que lhes parecera tão amarga fora permitida." O Grande Conflito, 347, 348.

No livro do Apocalipse, a "mente que tem sabedoria" calcula "o número de um homem" e reconhece que "o homem" é também o oitavo reino, isto é, dos sete. O "homem do pecado" é a cabeça do oitavo reino que governa sobre os reis e os mercadores da terra, com o qual as sete igrejas se aliam para evitar o opróbrio da perseguição, e que está assentado sobre muitas águas.

E ele me disse: As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, multidões, nações e línguas. Apocalipse 17:15.

O "homem do pecado" governa sobre o mundo político, monetário, religioso e civil, e sobre todos os homens, exceto aqueles que obtiveram a vitória sobre a besta, sua imagem, sua marca e o número de seu nome.

E vi como que um mar de vidro, misturado com fogo; e os que tinham alcançado a vitória sobre a besta, e sobre a sua imagem, e sobre a sua marca, e sobre o número do seu nome, estavam em pé sobre o mar de vidro, tendo as harpas de Deus. E cantam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus Todo-Poderoso; justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos santos. Apocalipse 15:2, 3.

Os "sábios" que compreendem o "aumento do conhecimento", quando a Revelação de Jesus Cristo é desselada, são aqueles que têm "entendimento" e "contam o número da besta: pois é o número de um homem; e o seu número é Seiscentos e sessenta e seis." Esse "entendimento" representa parte do processo de teste em três etapas que sempre ocorre quando Jesus dessela uma profecia. É por isso que se observa que eles "obtiveram a vitória sobre" "o número do seu nome."

Obter vitória é passar em uma prova, e aqueles que são "sábios" e "entendem" alcançam a vitória associada ao número 666, e o versículo também identifica que há oito reinos, e que o oitavo é dos sete. Esse "segredo" é representado em Daniel capítulo dois, pois a oração de Daniel era para entender "o segredo". A revelação de que há oito reinos, e que o oitavo reino é dos sete, e que o número desse reino é 666, é o segredo que Daniel é representado como obtendo por meio de sua oração, e Daniel representa os "sábios" dos últimos dias de Deus.

Daniel representa os "sábios" dos últimos dias, a quem foi desselado o segredo de Daniel capítulo dois, e esse segredo é a revelação de que a última e a primeira referência aos reinos da profecia bíblica é que há oito reinos na imagem. Essa revelação sustenta a compreensão milerita de Daniel capítulo dois, mas brilha dez vezes mais, uma vez que é reconhecida. Seu brilho, sendo dez vezes mais brilhante, representa uma prova da qual os "sábios" saem vitoriosos, pois o oitavo reino, que é dos sete, é também o sexto reino, que é uma união tríplice do dragão, da besta e do falso profeta. Assim, o dragão, a besta e o falso profeta são todos o sexto reino e, juntos, representam 666.

Nabucodonosor foi testado pela revelação de Daniel capítulo dois, e ele falhou no teste. Em Daniel dois, Daniel representa os "sábios" que passam no teste do segredo da imagem. Nabucodonosor, no capítulo três, representa os ímpios que falham no mesmo teste. Nabucodonosor, como o primeiro rei do primeiro reino, representa o último rei do último reino. Ele, portanto, representa o "homem do pecado", o homem da profecia ao qual as sete igrejas se apegam. O homem foi criado no sexto dia, e o número seis é, portanto, o número da humanidade. O número de Nabucodonosor é seis. Nabucodonosor falhou no teste do número 666 e representou os ímpios dos últimos dias. Como símbolo do homem do pecado, seu número é seis.

Nabucodonosor, o rei, fez uma imagem de ouro, cuja altura era de sessenta cúbitos e cuja largura era de seis cúbitos; erigiu-a na planície de Dura, na província da Babilônia. Daniel 3:1.

A imagem de ouro media sessenta côvados por seis côvados e foi feita por Nabucodonosor, cujo número é seis. A imagem foi erguida em rebelião contra a luz da imagem do capítulo dois, e a descrição tripla da imagem, quando você entende que o número de Nabucodonosor é seis, equivale a seis, seis, seis.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

O pensamento de estabelecer o império e uma dinastia que perdurasse para sempre atraía fortemente o poderoso governante, perante cujas armas as nações da terra não haviam podido manter-se de pé. Com um entusiasmo nascido de uma ambição sem limites e de um orgulho egoísta, consultou seus sábios sobre como levar isso a efeito. Esquecendo-se das notáveis providências ligadas ao sonho da grande imagem; esquecendo também que o Deus de Israel, por meio de Seu servo Daniel, havia tornado claro o significado da imagem, e que, em conexão com essa interpretação, os grandes do reino haviam sido poupados de uma morte ignominiosa; esquecendo tudo, exceto o desejo de estabelecer seu próprio poder e supremacia, o rei e seus conselheiros de Estado determinaram que, por todos os meios possíveis, se empenhariam em exaltar Babilônia como suprema e digna de lealdade universal.

A representação simbólica pela qual Deus havia revelado ao rei e ao povo Seu propósito para as nações da terra agora seria usada para a glorificação do poder humano. A interpretação de Daniel seria rejeitada e esquecida; a verdade seria deturpada e mal aplicada. O símbolo, concebido pelo Céu para revelar às mentes dos homens importantes eventos do futuro, seria usado para impedir a propagação do conhecimento que Deus desejava que o mundo recebesse. Assim, por meio das maquinações de homens ambiciosos, Satanás procurava frustrar o propósito divino para a raça humana. O inimigo da humanidade sabia que a verdade, sem mistura de erro, é uma força poderosa para salvar; mas, quando usada para exaltar o eu e promover os projetos dos homens, torna-se uma força para o mal.

De seu rico acervo de tesouros, Nabucodonosor mandou fazer uma grande imagem de ouro, semelhante em seus traços gerais à que fora vista em visão, exceto em um único particular: o material de que era composta. Acostumados como estavam a magníficas representações de suas divindades pagãs, os caldeus jamais haviam produzido algo tão imponente e majestoso como esta resplandecente estátua, com sessenta côvados de altura e seis côvados de largura. E não é de surpreender que, numa terra onde o culto a ídolos era universal, a bela e inestimável imagem na planície de Dura, representando a glória de Babilônia e sua magnificência e poder, fosse consagrada como objeto de adoração. Para isso foram tomadas as devidas providências, e foi expedido um decreto de que, no dia da dedicação, todos deveriam demonstrar sua suprema lealdade ao poder babilônico, prostrando-se diante da imagem.